

ROBERT
MUSIL



O HOMEM
SEM
QUALIDADES



ROMANCE



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

4ª IMPRESSÃO

ROBERT MUSIL

**O HOMEM
SEM QUALIDADES**

ROMANCE

Livro I/II

Tradução de

LYA LUFT

e

CARLOS ABBENSETH

EDITORA

NOVA FRONTEIRA

Título original: DER MANN OHNE EIGENSCHAFTEN
© 1978, by RÖWOHLT VERLAG - GmbH, Reinbeck bei Hamburg

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A
Rua Bambina, 25 - CEP 22251 - Botafogo - Tel.: 286-7822
Endereço telegráfico: NEOFRONT - Telex: 34695 ENFS BR
Rio de Janeiro, RJ

Tradução do Livro Primeiro e capítulos 1 a 38 do Livro Segundo feita
por Lya Luft, com revisão de Carlos Abbenseth.
Tradução da obra póstuma feita por Carlos Abbenseth, com revisão
de Cristina Blink.

Organização da edição brasileira:

Carlos Abbenseth, de acordo com a edição original alemã de Adolf Frisé.

Revisão tipográfica
CRISTINA BLINK
VERA LÚCIA SANTANA DE SOUZA
VALDETE LIMA
TEREZA BATISTA DA ROCHA

Capa: Victor Burton

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M975h Musil, Robert 1880-1942
O homem sem qualidades / Robert Musil; tradução de Lya Luft e
Carlos Abbenseth. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
(Grandes romances)

Tradução do original.

1. Romance alemão. I. Luft, Lya. 1938. II. Abbenseth, Carlos.
III. Título. IV. Série

CDD - 833 89-0726

LIVRO PRIMEIRO

PRIMEIRA PARTE

UMA ESPÉCIE DE INTRODUÇÃO

DO QUAL SINGULARMENTE NADA SE DEPREENDE

Uma pressão barométrica mínima pairava sobre o Atlântico; dirigia-se para leste, rumo à pressão máxima instalada sobre a Rússia, e ainda não mostrava tendência de se desviar dela para o norte. As isotermas e isóteras cumpriam suas funções. A temperatura do ar estava numa relação correta com a temperatura média do ano, a do mês mais Mo e a do mês mais quente e a oscilação aperiódica mensal. O nascer e o pôr do Sol e da Lua, a variação do brilho da Lua, de Vênus, do anel de Saturno, e outros fenômenos importantes transcorriam segundo as previsões dos armários de astronomia. O vapor d'água no ar estava na fase de maior distensão, a umidade era baixa. Numa frase que, embora antiquada, descreve bem as condições: era um belo dia de agosto de 1913.

Automóveis emergiam disparando das ruas estreitas e fundas para a rasa claridade das praças. A mancha escura de transeuntes formava fios nevoentos. Onde riscos de velocidade maior cruzavam aquele ritmo negligente, os fios se adensavam, corriam mais depressa, retornando depois de algumas pulsações ao ritmo regular. Centenas de sons enroscavam-se, produzindo um rumor metálico do qual brotavam pontas isoladas, correndo ao longo de suas beiradas cortantes e recolhendo-se outra vez; saltavam dele lascas de tons claros, que logo sumiam esvoaçantes. Nesse rumor, sem poder defini-lo, alguém que tivesse estado ausente vários anos teria, de olhos fechados, reconhecido a capital do Império, Viena, a Residência. As cidades se reconhecem pelo andar, como as pessoas. Abrindo os olhos, o recém-chegado deduziria o mesmo da vibração do movimento nas ruas, muito antes do que de qualquer detalhe típico. Ainda que fosse só imaginação, não importa. A supervalorização da pergunta: onde estou? vem do tempo dos nômades, em que era preciso registrar os locais de pastagem. Seria importante saber por quê, ao falarmos num nariz vermelho, nos contentamos que seja vermelho, sem nos importarmos com o tom especial de vermelho, embora este possa ser descrito com exatidão em micromilímetros, pela frequência das ondas. Mas numa coisa tão mais complexa como a cidade em que nos encontramos, sempre gostaríamos de saber exatamente que cidade é. Isso nos distrai de pontos mais importantes.

Portanto, não se dê valor maior ao nome da cidade. Como todas as cidades grandes, era feita de irregularidade, mudança, avanço, passo desigual, choque de coisas e acontecimentos, e, no meio disso tudo, pontos de silêncio, sem fundo; era feita de caminhos e descaminhos, de um grande pulsar rítmico e do eterno desencontro e dissonância de todos os ritmos, como uma bolha fervente pousada num recipiente feito da substância duradoura das casas, leis, ordens e tradições históricas.

As duas pessoas que subiam uma rua larga e movimentada não tinham naturalmente essa impressão. Via-se que eram de uma camada privilegiada da sociedade, elegantes no vestir, na postura, no modo de conversar; as iniciais de seus nomes estavam caprichosamente bordadas em sua roupa branca; da mesma forma, sem exibição, mas na fina roupa de baixo de sua consciência, sabiam quem eram, e que seu lugar era ali, na capital e Residência. Presumindo que se chamassem Arnheim e Ermelinda Tuzzi — o que não é verdade porque em agosto a Sra. Tuzzi estava com o marido em Bad Aussee, e o Dr. Arnheim ainda em Constantinopla — deparamos com o enigma da identidade deles. Pessoas curiosas freqüentemente encontram esse tipo de enigma nas ruas. A maneira como se resolvem é digna de nota. São esquecidos, caso nos próximos cinquenta passos não consigamos lembrar onde já vimos os dois. Quanto àqueles dois, eles pararam de súbito, percebendo um tumulto à frente. Já um segundo antes, alguma coisa saltara do alinhamento, obliquamente; qualquer coisa se virará, derrapara para o lado, e agora, que estava encaçada ali, com uma das rodas sobre a calçada, via-se que era um pesado caminhão, que freara bruscamente. Logo se juntaram pessoas à volta, como abelhas na entrada da colméia, uma multidão que deixava o centro livre. O motorista descera do veículo e postara-se ali no meio, cinzento como papel de embrulho, explicando o acidente com gestos desajeitados. Os que vinham olhavam para ele, depois baixavam o olhar, cautelosos, para o fundo do buraco onde haviam colocado, na beira da calçada, um homem que parecia morto. Todos admitiam que fora atropelado por estar distraído. Ajoelhavam-se junto dele, alternadamente, querendo fazer alguma coisa; abriram seu casaco, fecharam-no outra vez; tentaram sentá-lo ou, ao contrário, deitá-lo novamente; na verdade todos queriam apenas passar o tempo até que, com a ambulância, viesse uma ajuda competente e autorizada.

Também aquela dama e seu acompanhante tinham chegado perto e, por cima das cabeças e costas baixadas, olhado o homem deitado. Depois recuaram e ficaram por ali, hesitantes. A dama estava com uma sensação ruim no coração e no estômago, que tinha o direito de considerar compaixão; uma sensação vaga, paralisante. Depois de algum tempo, o cavalheiro disse:

— Os caminhões pesados que se usam aqui têm um tempo de freagem longo demais.

A dama sentiu-se mais aliviada, e agradeceu com o olhar. Devia ter ouvido antes aquela expressão, mas não sabia o que era, nem queria saber; bastava-lhe que aquilo explicasse o terrível acidente, reduzindo-o a um problema técnico, que já não a interessava diretamente. Ouviram a sirene estridente da ambulância e todos ficaram satisfeitos com a rapidez de sua chegada. São admiráveis essas instituições sociais. Colocaram o acidentado numa maça e enfiaram-na no carro. Homens com uma espécie de uniforme cuidaram dele, e o interior do veículo, que se divisava rapidamente, parecia limpo e ordenado como um quarto de hospital. Afastaram-se quase com a justa impressão de que acontecera um fato dentro da ordem e legalidade.

— Segundo as estatísticas americanas — comentou o senhor —, morrem lá anualmente 190.000 pessoas em acidentes de automóvel, e 450.000 ficam feridas.

— Acha que ele está morto? — perguntou sua acompanhante, ainda com a sensação injustificada de ter visto algo fora do comum.

— Espero que esteja vivo — respondeu o senhor. — Parecia vivo quando o colocaram no carro.

2

CASA E MORADIA DO HOMEM SEM QUALIDADES

A rua em que acontecera o pequeno acidente era um daqueles longos e sinuosos rios de trânsito que brotam como raios do coração da cidade, varam os bairros afastados e acabam nos subúrbios. Se o elegante casal seguisse por ela mais um pouco, teria visto algo que certamente lhe agradaria. Era um jardim do século XVIII, ou até XVII, ainda parcialmente conservado; passando diante de suas grades de ferro batido, via-se entre as árvores, sobre relvados cuidadosamente aparados, algo que parecia um castelinho de alas curtas, um castelinho de caça ou de amor, de tempos passados. Para ser exato, as abóbadas de sustentação eram do século XVII, o parque e o andar superior pareciam do século XVIII, as fachadas tinham sido renovadas e um pouco prejudicadas no século XIX; portanto o todo estava um tanto confuso, como em retratos fotografados uns por cima dos outros; mas acabava-se parando ali, infalivelmente, e dizendo: “Ah!” E quando aquela coisa alva, graciosa e bela estava de janelas abertas, avistavam-se as paredes de livros, nobres e silenciosas, da casa de um homem de cultura.

A moradia e a casa pertenciam ao homem sem qualidades.

Ele estava postado atrás de uma janela, e através do filtro verde-pálido do ar do jardim contemplava a rua pardacenta; há dez minutos contava com o relógio os automóveis, carruagens, bondes e os rostos de transeuntes embaciados pela distância, que cobriam a retina com um rápido redemoinho; avaliava as velocidades, os ângulos, as forças vivas das massas que passavam, que atraíam o olhar com a rapidez de um raio, prendiam-no, soltavam-no e, durante um tempo para o qual não existe medida, forçavam a atenção a resistir-lhes, desprender-se, saltar para o que viesse em seguida e jogar-se atrás dele; em suma, depois de calcular mentalmente por um momento, ele meteu o relógio no bolso, rindo, e constatou que estivera fazendo uma tolice.

Se se pudessem medir esses saltos da atenção, a atividade dos músculos dos olhos, os movimentos pendulares da alma, e todos os esforços que um ser humano precisa executar para se manter em pé na torrente de uma rua, resultaria presumivelmente — fora isso que ele pensara, tentando, por uma brincadeira, calcular o impossível — uma grandeza comparada à qual a força de que Atlas necessita para sustentar o mundo é insignificante; e poder-se-ia avaliar que gigantesca façanha realiza hoje em dia uma pessoa que não faz coisa alguma.

Pois nesse momento o homem sem qualidades era uma dessas pessoas.

E alguém que faz?

“Podem-se deduzir duas coisas”, disse ele para si mesmo.

A atividade muscular de um cidadão que segue calmamente seu caminho um dia inteiro é muito maior do que a de um atleta que sustenta uma vez ao dia um peso enorme; isso foi comprovado fisiologicamente, e é provável também que as pequenas atividades cotidianas, na sua soma social e nessa capacidade de serem somadas, ponham muito mais energia no mundo do que as ações heróicas; sim, o heróico parece minúsculo como um grão de areia colocado sobre uma montanha com extraordinária ilusão. Essa idéia lhe agradou.

Deve-se acrescentar, porém, que ela não lhe agradava por ele amar a vida burguesa; ao contrário, gostava apenas de contrariar suas inclinações, que outrora tinham sido diferentes. Talvez seja exatamente o pequeno-burguês quem prevê o começo de um heroísmo coletivo, de formigueiro, extraordinariamente novo. Vão chamá-lo de heroísmo racionalizado, e achar tudo muito bonito. Hoje em dia, quem pode saber?! Mas naquele tempo havia centenas de indagações irrespondidas desse tipo, da maior importância. Pairavam no ar, ardiam sob os pés. O tempo corria. Pessoas que ainda não viviam então não hão de querer acreditar, mas já então o tempo se movia com a rapidez de um camelo de montaria; isso não é de hoje. Apenas não se sabia para onde corria. Nem se podia distinguir direito o que estava em cima ou embaixo, o que ia para diante ou para trás.

“A gente pode fazer o que quiser”, disse o homem sem qualidades para si mesmo, dando de ombros, “que isso não tem a menor importância nesse emaranhado de forças!” Depois afastou-se, como uma pessoa que aprendeu a renunciar, quase mesmo como um enfermo que teme qualquer contato forte; e quando, atravessando o quarto de vestir anexo, passou por um *punching ball* ali pendurado, deu-lhe um soco rápido e forte, que não é propriamente comum em momentos de resignação ou estados de fraqueza.

3

TAMBÉM UM HOMEM SEM QUALIDADES TEM UM PAI COM QUALIDADES

Ao voltar há algum tempo do estrangeiro, o homem sem qualidades, só por capricho e por detestar moradias vulgares, alugara aquele castelinho, outrora residência de verão fora dos portões da cidade; ele perdera sua função quando a cidade grande, crescendo, o ultrapassara, e ultimamente era apenas propriedade desabitada e baldia, à espera de que subissem os preços dos terrenos. O aluguel era tão baixo quanto se podia imaginar, mas custara muito dinheiro arrumar tudo de novo segundo as exigências atuais; fora uma aventura, que o obrigara a pedir ajuda ao pai, o que não lhe agradava, pois gostava de ser independente. Tinha trinta e dois anos, e seu pai sessenta e nove.

O ancião ficou horrorizado. Não diretamente por causa do repentino pedido, embora em parte também por isso, pois detestava coisas irrefletidas; nem por causa da contribuição que teria de fazer, pois no fundo apreciava que seu filho quisesse aconchego e ordem. Mas a aquisição de uma casa que, embora no diminutivo, só se

podia chamar de castelo, feria seus sentimentos e assustava-o como uma arrogância de mau agouro.

Ele próprio começara como preceptor em casas da alta aristocracia, quando estudante e depois como jovem assistente de advogado, e na verdade fizera isso sem precisar, pois seu pai já fora homem de posses.

Quando mais tarde se tornara professor universitário e catedrático, sentira-se recompensado por tudo aquilo, pois o cultivo cuidadoso dessas relações fez com que aos poucos se tornasse consultor jurídico de quase toda a nobreza feudal de sua terra, embora nem precisasse mais dessa profissão secundária. Sim, muito depois que a fortuna assim conseguida já se podia comparar com o dote matinal* de uma família de industriais renanos, que a mãe de seu filho, prematuramente falecida, trouxera para o casamento, aquelas relações, conquistadas na juventude e fortalecidas na idade adulta, não se apagaram. Embora o mestre agora coberto de honrarias se tivesse retirado da advocacia, e só eventualmente exercesse alguma atividade muito bem paga, como consultor, todos os acontecimentos relacionados ao círculo de seus antigos benfeitores eram cuidadosamente registrados por sua própria mão, passando com grande esmero de pais para filhos e netos; e nenhuma distinção, nenhum casamento, nenhum aniversário ou onomástico se passavam sem registro escrito, congratulando a pessoa em questão com uma terna mistura de veneração e lembranças comuns. Breves respostas escritas chegavam com igual pontualidade, agradecendo ao querido amigo e admirado mestre. Desse modo, seu filho conhecera desde a juventude esse talento aristocrático de uma altivez quase inconsciente mas segura em seus juízos, que sabe dar valor a uma gentileza; e a subserviência de uma pessoa da aristocracia espiritual diante dos donos de cavalos, campos e tradições sempre o irritara. Mas não fora o calculismo que tornara seu pai insensível a isso; por impulso natural, realizara assim uma grande carreira, tornara-se não apenas professor catedrático, membro de academias e muitas comissões científicas e governamentais, mas também cavalheiro, comendador; sim, fora até condecorado com uma Grã-Cruz, e por fim Sua Majestade o elevara à nobreza hereditária, nomeando-o antes disso membro do Senado. Lá o distinguido intelectual se ligara à ala burguesa liberal que por vezes se opunha aos nobres, mas significativamente nenhum dos seus benfeitores da nobreza levava isso a mal, nem se admirava; nunca tinham visto nele senão o espírito da burguesia que desejava ascender. O velho senhor participava ativamente dos trabalhos especializados de legislação, e mesmo que uma dura votação o mostrasse do lado burguês, do outro lado não se irritavam com isso, tinham a impressão de que ele não fora convidado. Na política não fazia senão o que já fora seu ofício, unir uma sabedoria superior, por vezes sutilmente pedagógica, à impressão de que apesar de tudo podiam confiar na sua dedicação pessoal; como afirmava seu filho, ele passara sem grandes alterações de professor particular a professor do Senado.

Sabendo da história do castelo, ele a considerou infração de uma fronteira tácita mas tanto mais respeitável, e fez ao filho acusações ainda mais amargas do que as muitas que lhe fizera no curso dos anos, quase a profecia de um mau final que agora iniciava. Ferira-se o sentimento fundamental de sua vida. Como acontece com muitos homens que conseguem algo notável, esse sentimento, longe de ser interesse

* No original, *Morgengabe*: segundo o Direito alemão antigo, presente do marido à esposa na manhã após o casamento. (N. da T.)

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

